LISBOA — SEXTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 104 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa.

JA' se marca a crise ministerial para a proxima semana. Cremos que se trata de mais um sintoma da louca precipitação que leva alguns jornais a tomar os seus desejos como profecias. O debate sobre o caso dos milicianos deve demorar um tanto de tempo. Dêle brotarão outros assuntos igualmente interessantes e flamejantes. Não será possivel adiar a crise mais uma semana?

* * *

NO dia 29 do corrente, Sintra prestará uma bela homenagem á memoria de Latino Coelho, o mestre estilista que as novas gerações ignoram ou desdenham.

Está-se procedendo á organização do respectivo programa e eis que, entre os seus numeros, aparece incluida uma festa pecuaria.

Não haverá meio de poupar a Latino Coelho esta colaboração de animais. êle que só tolerava o zum-zum simpatico e operoso das abelhas do Himeto?

Os mortos recebem o que lhes dão, mas é bom não abusar da sua paciencia, aliás as nossas relações com o outro mundo tornar-se-hão dificeis, porque cada sepultura terá uma grade.

* * *

O SR. ministro das Colonias encontrou ontem uma excelente ocasião para demonstrar á Camara que tem a eloquencia dificil. Se desse um passeio pelo Tejo até á Barra, mesmo em bote cacilheiro, talvez isso lhe fizesse bem. Porque não experimenta? Com despezas tais, ainda pode o orçamento do Ministerio das Colonias.

* * *

SEGUE ámanhã para o Seixal o cadaver do presidente da camara municipal daquela vila, assassinado há dias pelo administrador do concelho.

No domingo é o funeral, indo de Lisboa assistir á cerimonia representantes de várias colectividades politicas.

* * *

JA' o escrevemos neste lugar: é preciso que por qualquer meio eficás se faça sentir aos agentes encarregados de manter a ordem que ela se não mantêm provocando a desordem.

Repetimo-lo, porque nas gazetas continuam aparecendo relatos de fançanhas praticadas pela policia, façanhas que de modo algum contribuem para o prestigio da corporação.

Desde que os guardas entendam serem as armas que lhes são distribuidas destinadas a transferir para o outro mundo gentes pacatas, só um recurso resta aos poderes publicos: crear um novo corpo de policia — para prender a actual policia.

* * *

DO ILUSTRE lente da Faculdade de Direito de Coimbra, dr. João Maria Telo de Magalhães Colaço, recebemos o seu ultimo livro, *Contencioso Administrativo*, ou seja uma colecção de leis e regulamentos anotados que «proporcionam rapidamente ao advogado e ao magistrado, ao funcionario, e até ao simples particular, o conhecimento seguro de todas as decisões e opiniões que, entre nós, se têm publicado sobre tais diplomas desde que êles entraram em vigor». A edição pertence á Coimbra Editora, Limitada.

PARA AS COLONIAS

Segundo o sr. Cunha Lial, o melhor meio de o Estado se aliviar da turba-multa de funcionarios será enviá-los para as colonias, que tanto necessitam de braços. Salvo outra opinião de maior peso, parece-nos que não se deve dar tal destino a pobres criaturas, afeitas a uma actividade de repartição publica, sem educação nem disposição para a vida tropical.

E' certo que, entre eles, deve haver alguns assás rijos que talvez, na agricultura angolense, fossem bons elementos de trabalho. Mas estes geralmente não querem tostar o corpo que guardam para ocupações mais gostosas. Não se conformam com a moral do esforço. De resto prestam serviços apreciaveis a politicos eminentes e são-lhe permitidas boas esperanças de avanço na nossa administração. Constituem o grosso dos mancebos do regime.

Certamente o sr. Cunha Lial, quando aventou a peregrina ideia de refrescar as colonias com os braços burocraticos que o sr. ministro das finanças se propõe dispensar, não estava em ocasião de bom humor. A irritação deu-lhe para assustar as possiveis vitimas da proposta ministerial que visa iniciar a grande obra da compressão das despesas. Quiz ser cruel, para desabafar-se de coisas molestas.

E', portanto, bom não tomarmos á letra as suas palavras que representam certamente uma impressão de momento. A verdade é esta—a fazenda publica está a ser devorada por insaciaveis legiões de criaturas que, mal educadas para ganharem o seu pão, tiveram que encostar-se ao Estado, que é a providencia dos ociosos.

Urge pôr remedio pronto e eficaz a uma situação unica nos anais das nossas grandes fomes.

Como? *Hoc opus labor est.*

O sistema preconisado pelo sr. Barros Queiroz tem vantagens e desvantagens. O que importa é determinar se estas suparam aquelas ou vice-versa. Seleccionar o pessoal das secretarias do Estado, pagando-lhe bem e despedir o que for incompetente ou desleixado talvez á primeira vista apareça como uma facil operação de vassoura.

Que deploravel engano!

Já se começam a produzir clamores, perante o simples anuncio desta medida —clamores que a pouco e pouco se irão avolumando, até assumirem a forma de uma ventania desabalada.

Terá o governo força suficiente para fazer frente a tamanha hostilidade?

Oxalá que sim!

Os perturbadores da nossa paz e do nosso socego não deixarão passar o ensejo de aproveitar os acontecimentos em seu favor. Já eles gritam que é uma dureza sem nome a guerra ao burocrata inerme. Debalde o governo lhes diz que não há tempo a perder, pois que a hora é de sacrificios urgentes e ingentes, e que será compassivo, não deixando ninguem ao abandono.

Não se convencem, porque não desejam convencer-se. O importante é agitar, alarmar, confundir.

Conseguirão o seu intento?

Ver-se há. Agora que tanto se fala na necessidade de melhorar o cambio, o governo tem de preparar essa melhoria imediatamente. Se lhe prenderem os braços e lhe desvirtuarem as intenções, ficará impossibilitado de governar. Passará á categoria de inutilidade. Então formar-se há um outro que deve ter a mesma sorte.

Por fim, chegará um instante de tal maneira aspero e insuportavel em que todos nós—Portugal em massa—talvez tenhamos de aproveitar o alvitre do sr. Cunha Lial, seguindo para a Africa.

NO CLUB

(Desenho de Jorge Barradas)

ELA — ...E podiamos tornar a ser tão felizes!...
ELE — Eu nunca jogo nas repetições...

O GOVERNO solidarizou-se com o sr. ministro da Guerra na questão dos oficiais milicianos, embora o sr. dr. Antonio Granjo declare estar ao lado dos reclamantes.

Como já dissemos, a interpelação ao sr. general Silveira realiza-se na sessão de segunda-feira.

Apesar dos parlamentares liberais terem declarado na sua reunião de ontem apoiar o Ministerio durante a discussão do assunto, o que é certo é que alguns dêles estão dispostos a terçar armas pelos milicianos, esquecendo-se propositadamente, por momentos, da disciplina partidaria para atacar o sr. ministro da Guerra.

Os deputados monarquicos e catolicos navegam nas aguas do sr. Silveira por entenderem que o não acatamento das ordens do ministro representa um acto de indisciplina.

Os democraticos e reconstituintes apoiam incondicionalmente a atitude dos oficiais milicianos.

* * *

CORRIA hoje na Arcada que o professor sr. Francisco Antonio Correia, director do Instituto Superior do Comercio, está no proposito de abandonar o seu lugar, desgostoso com a atitude pouco clara do ministro do Comercio, que, depois de lhe haver prometido a entrega de todo o edificio do antigo convento do Quelhas, onde já está instalado o Instituto, acabou por lhe ceder apenas a parte já ocupada.

O resto do edificio, que está servindo de residencia ao sr. Borges Grainha e onde tambem está instalado um museu, cedeu-o o sr. ministro do Comercio ao sr. Borges Grainha.

O caso tem sido muito comentado.

* * *

O SR DR. Ruy Ulrich doutrinariamente é integralista, querendo que se restaure uma realeza, como a que defende o nosso colega «A Monarquia». Pelo que respeita á pessoa que poderá cingir um dia a corôa de Portugal, decide-se por D. Manuel de Bragança. E' esta a sua maneira de ser politico?

* * *

A PROPOSITO das propostas de finanças na parte que diz respeito á redução dos quadros do funcionalismo publico, disse-nos hoje um empregado superior do Ministerio do Trabalho:

— A proposta não pode passar. E' um amontoado de iniquidades, com muito pouca orientação e sem nenhuma gramatica. O que se torna indispensavel é fechar a porta de entrada a novos funcionarios, mantendo os que estão, já que os admitiram e aposentando os que já completaram trinta anos de serviço.

* * *

O SR. Pereira Osorio, que se dispõe a comentar hoje no Senado a ultima lei da amnistia, aproveitará o ensejo para defender José Julio da Costa, autor da morte de Sidonio Pais. A seguir será apresentada pelo sr. Fernandes Rêgo um diploma no sentido de amnistiar José Julio da Costa.

* * *

A DIRECÇÃO da Cruzada Nuno Alvares procurou hoje o sr. dr. Bernardino Machado, a quem solicitou a sua adesão.

NA VIDA DOS JORNAIS

ASSIGNAR OU NÃO ASSIGNAR

Considerações de um jornalista com vista aos seus colegas que sabem escrever e vivem resignados á condição de anonimos

O jornalista abaixo assinado, não é, com certeza, dentro do nosso jornalismo citadino tão cheio de altos e baixos, a pessoa indicada para tratar êste assunto, todo de natureza profissional. Mas as oportunidades aproveitam-se no jornalismo, até por doutrina fundamental, e se uns a êste respeito não escrevem, por não ter ocasião e outros por não estarem para isso, escrevamo-lo nós, á falta de quem de boa vontade. Nos grandes jornais — e nos pequenos — mas nos grandes, principalmente, devem certos artigos ser ou não ser assinados? Por parte dos patrões ou dos directores é legitima a imposição do anonimato ou é vexatorio? Trata-se simplesmente de um processo de dirigir jornalismo ou trata-se de uma perseguição egoistica de reservados intuitos especulativos?

* * *

No jornalismo de todo o mundo há duas classes bem distintas de trabalhadores de jornal, dignos do nome: os «redactores de carteira», que os patrões só conhecem quando êles cometem erros ou falhas, e cujo futuro, na feliz hipotese, não vai alêm de chefe ou secretário de redacção, depois de terem passado privações longos anos de grilheta, e os «redactores livres», que fazem tudo, o fundo, o estrangeiro, o crime, a crónica, a entrevista e a finança, ses que os patrões ou directores conhecem melhor e que são lenha para queimar, pois o seu periodo de celebridade ou nomeada não vai além de cinco ou seis anos de intensificada vida e agitação intelectual constante, que rarissimas vezes vai dar á direcção de um jornal ou ao interêsse na emprêsa. Em Portugal, há ainda os informadores; êstes auxiliares, porêm, respeitaveis por tantas razões, não são, pelas lamentaveis circunstancias que todos reconhecem, menos êles, chamados para a prática que estou traçando. Dos redactores que citei de uma e de outra classe, e nomeadamente da segunda, que é onde fazem temporarios arraiais os melhores espiritos — quais aqueles que o publico conhece, admira, paga e critica, feitos através os grandes periodicos que êles ajudaram a fazer, a guindar, a celebrizar? Onde estão em Portugal, como na França, no Brasil, na Italia, na Espanha, e até na Inglaterra, os jornalistas feitos pelo grande jornal, na propagação do seu nome de autor, consagrados pelo publico? Sem melindre para ninguem, e de que nós nos recordemos, apenas nos dois grupos de redactores que citei hoje se fixaram dois nomes: Jorge de Abreu mais chegado á primeira banda, e Hermano Neves á segunda. Um terceiro jornalista sobrevive, menos anonimo, só para o publico dos teatros, Avelino de Almeida, mas quasi desconhecido nas camadas do publico ledor da vida diaria por excelencia. O resto — *lenha queimada*. Porquê? Porque nunca os deixaram assinar nas gazetas de grande tiragem. Porque os exploraram, ano a ano, sem lhes darem a compensação de um publico amigo. Porque o anonimato foi o lema imposto até aqui para a acção profissional do jornalista que sabe escrever e pensar, chegando até a escrever e a pensar pelos patrões. Porque fez e tem feito carreira a doutrina errada e convencional de que para se conseguir um jornal sério, da feição «Seculo» e «Noticias» (axioma que os imitadores perfilham por razões talvez que já se não podem remediar) é necessario reduzir tudo á responsabilidade directiva, impessoalizando o trabalho, até o inutilizar.

Ora tal não deve continuar a acontecer. Eu afirmo que *assinar o artigo*, quem o faz em certas circunstancias, é nas grandes e pequenas gazetas uma prática toda benéfica, e que só os miopes e os bichos de conta podem combater, já por vicio adquirido, já por razões que prefiro abster-me de passar a redondo. E insisto: lá fora, a imposição do anonimato passou. O jornalista hoje é um valor social, como o médico, o politico, o engenheiro, o director do jornal. Só continuam *grilhetas* aqueles que não podem, por circunstancias da sua insuficiencia propria, tornar-se *libertos* na grande vida do pensamento, da critica, da narrativa e da forma escultural das letras...

* * *

Assinar um artigo, desde que êle se ajuste, com seu caracter pessoal ou colectivo, á indole da gazeta (centenas de casos por mês no «Seculo», no «Diario de Noticias» e nas outras fôlhas de intenção informativa e nacional) não corresponde nunca a uma explosão de vaidade. Não! Pelo contrário! Corresponde, antes, a um honesto e formoso sacrificio que quem assina faz ao publico, ao jornal e, nomeadamente, á emprêsa que o dirige e explora. Assinar um artigo é dar-se o jornalista melhor á forma, á verdade, ao interêsse publico, sem compensações de nenhuma ordem, sujeitando-se á critica, ao ridiculo, ás lutas tornadas diarias, e raras vezes ao reconhecimento de quem lê. Não é por assinar artigos que os jornalistas sobem no jornalismo. A's vezes até descem, e a pique. Tambem não é um favor que a emprêsa ou a direcção faz, deixando-o assinar: é um direito que reconhece, é um valor que firma, é uma responsabilidade que solidariza á sua. Seja o que fôr, nos grandes jornais, feitos por nomes que o publico não conhece, deve começar a haver a liberdade de cada um, de reconhecido mérito, assinar as provas que dá do seu trabalho, para que não continue a suceder que êles passam, passam os anos, os triunfos do jornal, a sua fortuna, a sua gloria, as suas emprêsas, a sua direcção, e o jornalista, que não consegue amealhar duzentos mil réis, nem ao menos tirou a satisfação de deixar o seu nome vincado publicamente á profissão na qual se extenuou e extinguiu. Mas, por favor, nunca! Por direito, sim, e por uma mais nobre e fidalga compreensão do lugar de director, por parte de quem o exerça.

* * *

Não falo por mim. Nem tive razão de queixa nos jornais onde trabalhei, nem naqueles onde sirvo essa razão em absoluto me assiste. Sinceramente folgo em poder afirmar que dispenso a honra de assinar nas grandes gazetas, e só a utilizaria se a outros colegas de distinção e maior direito tal direito fosse antes reconhecido. O director ilustre do «Diario de Noticias», que é um literato e um académico, e não mete homem por si para escrever artigos de fundo, tem certamente um grande respeito pelo valor social, que é conjuntamente o valor jornalistico dos seus redactores, para o inutilizar sem razões poderosas. O dr. Augusto de Castro está naturalmente subordinado ao convencionalismo da casa e dos emprêsarios que mandam apagar-se o nome do homem que escreve e pensa, como a um empregado de balcão. Pois é só contra êsse convencionalismo que eu protesto, em nome de alguma dezena de camaradas meus, de grande ou razoavel merecimento, espalhados por Lisboa e pelo Porto, que agora começam ou já vão em bom caminho, e que o egoismo ou a errada visão dos empresarios, sempre com vista no «Times», impedem de ser um valor independente e livre. Querer fazer o «Seculo» á maneira inglesa, o «Noticias» á maneira francesa, tal jornal á maneira espanhola e aquele outro á maneira brasileira, copiando só o que de falso ou de *inadaptavel* o jornalismo estrangeiro contêm, é só por si uma falencia confessa de aptidões jornalisticas, aptidões estas que só medram pelo aproveitamento das faculdades de cada um, pelo desenvolvimento e incitamento das boas qualidades portuguesas, pelo respeito ás coisas de Portugal e pelo timbre nacional, em tudo imposto, até nos bonecos e nas assinaturas. As gazetas plagiadas ainda ficam peor do que escritas á maneira do antigo «Mercurio Português». Desnacionalizam-se...

Por outro lado, se se pegar no «Matin», no «Journal», no «Figaro», na «Gironde», de França, na «Prensa» da Argentina, na «Patria», no «Jornal do Comercio», na «Gazeta», do Rio, na «Correspondencia», no «Heraldo», no «El Dia», no «El Sol», de Espanha, no «Soir» belga, no «Giornalle», na «Stampa», no «Corriere de la Sera», de Italia, em todos os jornais de todo o mundo, até alguns de Inglaterra, da Alemanha, da America, do inferno, as primeira páginas, segunda e terceira, vêem cheias de nomes, não do correspondente apenas, mas de redactores chefes ou categorizados, de cronistas redactores, de *reporters*, de articulistas, de pessoal do jornalismo profissional, que não é nem quere ser anonimo, como o moço que leva as páginas. Em Portugal, em Lisboa principalmente, pois o Porto, nobremente, pelos ilustres directores das gazetas está a abrir esta liberdade indiscutivel, que cada *grilheta* tem de ser *liberto*; em Portugal, a não ser por excepcional ou gentil colaboração, quando se vê um nome na primeira página de um grande jornal, ou êsse nome é falso, ou é de um correspondente, que substitue o telegrafo, ou ainda de um ilustre desconhecido, cuja prosa vem de um favor dos dirigentes ou da banda da administração.

* * *

Este artigo, que escrevi sinceramente por uma prosapia porfissional, com vista aos meus colegas que sabem escrever e pensar e que estão ameaçados, como tantos, de se queimarem, em obediencia a um preconceito fechado, egoistico e velho — pode não ser compreendido por algumas individualidades que eu respeito e quereria respeitar ainda mais, e que têm na sua mão as grandes gazetas, anonimas como os cartazes. Mas por alguns jornalistas, já na *ingreme vertente a prumo*, ou ainda na sua carreira tapetizada de rosas da melhor e mais perfumada ilusão, por êsses foi-o certamente. Mr. Robert de Jouvenel, no seu gracioso tratado de jornalismo, diz a certa altura:

«... le succès des journaux n'est assuré que par les rédacteurs, qui touchent trois cents et mille francs par mois».

Cá, continua a auto-supôr-se que o sucesso, o êxito do jornal no publico é obra apenas da cadeira presidencial, que inventa o fundo, ou do *fauteuil* da administração, que visa os ordenados.

E era belo e *util para todos*, que, ao menos, em relação aos que o podem fazer, com segurança, o grande jornal diario valorizasse, pelo nome, os elementos jornalisticos que o ajudam a pôr em pé.

Norberto de Araujo

TEATROS

Entre nós

A peça de Louis Verneuil intitulada «Traité d'Auteuil» e que deve subir á scena brevemente no Avenida em festa do actor Samwell Dinís, foi traduzida para português com o titulo de «Guardado está o bocado...».

E' curioso notar que esta comedia foi proibida de se representar em Inglaterra, por ser considerada de «costumes livres». Só a eminente actriz Sarah Bernhardt conseguiu, quando da sua ultima «tournée» a Londres, representá-la, mas em francês porque ninguem entendia... diziam os austeros e morais criticos teatrais ingleses.

—O quadro novo que Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos tencionam escrever para a revista «De capote e lenço», é uma critica ao movimento das criadas de servir, a proposito da imposição do livrete.

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, na sua passagem para o Funchal, deu um espectaculo em Angra do Heroismo, no teatro da Sociedade Recreio dos Artistas. Representou-se a comedia de Chagas Roquete, «O Senhor Roubado».

—Desligou-se da Companhia do Salão Foz o actor Rosa Mateus, assumindo, por esse facto, o cargo de director de scena o actor Alvaro de Almeida.

—Foi ontem convidado a ensaiar a revista «Tic-tac», que se representará em breve no Salão Foz, o actor Augusto Soares, que aceitou o encargo, começando já hoje os trabalhos sob a sua direcção.

—Deve ser assinado por estes dias o contrato que entrega o Chiado Terrasse ao actor Rafael Gomes e ao tradutor Mario Duarte, para ser explorado o genero comedia. A principal figura feminina da Companhia será a actriz Luz Veloso.

Dizem-nos que se vai colocar em volta da sala de espectaculos uma ordem de camarotes e algumas frizas junto ao palco, que tambem vai ser prolongado. As obras devem estar concluidas no principio do inverno.

—Deve subir á scena na proxima epoca de inverno, no teatro Apolo, um original de André Brun.

—A empresa Barreiros, do Eden, contratou o corpo coral masculino da companhia Armando de Vasconcelos, durante o mês de Setembro.

—Por escritura assinada ontem, a Empresa Artur Emauz transferiu a exploração da proxima epoca de inverno do Salão Foz para uma companhia dirigida pelo actor Othelo de Carvalho.

Dessa companhia farão parte os artistas já contratados Antonio Gomes, Laura Costa, Martins dos Santos, Eugenia Quintão, José David Rosalina Sayal, etc. e o maestro Luís Filgueiras

O director de scena e ensaiador será o actor Martins dos Santos.

Reclamos

S. CARLOS—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro está dando os seus ultimos espectaculos em S. Carlos, porque varios contratos a chamam á provincia. «Sedutores», a admiravel peça de Vasco de Mendonça Alves, poucos mais dias por isso irá á scena, pelo que não devem perder o ensejo de a apreciar quantos a não viram ainda.

S. LUIS—Não há peça mais popular e mais querida do publico do que a revista «De capote e lenço», que sóbe á scena ámanhã, sabado.

NACIONAL—Poucas mais representações dará a interessantissima peça «A vida dum rapaz pobre», que ainda hoje se repete.

POLITEAMA—Já há dias que era esperada a reaparição da afamada opereta «A rainha do fonografo», que hoje vai pela primeira vez nesta época.

GIMNASIO—O maior acontecimento teatral da actualidade está sendo o «Celebre Pina», actualmente em scena neste teatro.

AVENIDA—A «Fedora», de Victorien Sardou, deu, na semana finda, uma enchente, pelo que a empresa resolveu, muito acertadamente, feze-la repetir esta noite.

APOLO—Está dando as ultimas representações, com o seu lindo quadro novo «Pedras soltas», a famosa fantasia regional «Porto, tantos de tal».

EDEN—Razão tinha a critica quando disse que a revista «Pé de dança» havia de ter uma larga carreira.

SALÃO FOZ—O trabalho de Alberto Ghira, que está substituindo o seu colega Alvaro Pereira, no papel de «compère» do Trólaró», a linda «bluette», continúa a fazer as delicias dos frequentadores do Salão Foz.

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21,30—«Sedutores».
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—Não há espectaculo.
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal»
AVENIDA—A's 21,30—«Fedora».
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.
CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

NA HORA INCERTA ou A NOSSA PATRIA

QUADRO III

A' DESPEDIDA DA TERRA

O delicioso excerpto que a seguir publicamos é do livro «Na hora incerta ou A Nossa Patria» do notavel poeta Antonio Correia d'Oliveira:

No convento do Carmo, em Lisboa. Noite de todos os mortos, depois do dia de todos os Santos.

O convento, com a sua igreja e os seus terraços, domina a cidade que se perde ao fundo e na distancia.

Um pequeno terreiro, servindo de adro, em frente da porta principal do templo. Aos lados, confusamente, aqui e além, arcarias e colunas de catedral incompleta.

E' á bôca da noite. As sombras vão tombando e crescendo rapidamente. No ceu profundo e frio como cristal das aguas, semelhando monstruosas naves, veem subindo grandes e pesadas nuvens de tormenta, onde já ha, de quando em quando, estremeções de relampagos.

No adro, em grupos ou em figuras isoladas, quedos na penumbra ou entrando e saindo da igreja iluminada, povo, monges, senhores e marinheiros.

A's ombreiras da porta, e sobre os degraus que sobem para ela, esperando e velando, uma figura de azas resplandecentes; o Anjo da Guarda de Nun'Alvares; em volta, as sombras dos mortos.

Do templo, estendendo-se ao adro em treva e dando um ar de fantasma a todos os vultos, vem um grande clarão de cirios e lampadarios.

De tempo a tempo, perdidos e distantes, os sinos, dobrando, enchem o silencio da noite com uma palavra do outro-mundo...

No seu convento do Carmo, morrera o Condestavel, o magnifico senhor de meio Portugal, que, por caridade, se fizera pobre como o mais pobresinho; o cordeiro, vencedor de Castela e Leão, que se fizera monge; o heroi que se tornara santo.

Por isso os sinos dobram, o povo soluça, os guerreiros cobrem de dó as suas armaduras; e, no interior da catedral, em volta do imenso e solene catafalco (que do adro se entrevê) ardem milhares de tocheiros e lampadas, ha lagrimas e flôres, rebôam orgãos e salmos.

Ante os restos mortais de quem o salvara com a sua espada e com as suas orações,—é todo Portugal, de joelhos, naquelas santas exequias, derradeiros oficios de saudade e despedida.

O POVO, fóra; uma voz:

Dobra o sino á campa fria...

OUTRA VOZ:

Em repiques, pelo céu,
Mais de cem quizera eu!

CORO:

Pois, quando morre a Alegria,
Logo a Saudade nasceu.

OS MONGES, no Templo, alternando com o entoar do orgão:

Aquele eterno segundo
Em que a Trombeta final
Troará, em tom profundo,
Sobre os sepulcros do mundo,
O «Dies irae» fatal!

O POVO, fóra; uma voz:

E bem! e bem! Onde vaes,
Nuno de Santa Maria?

CORO

Soluços, lagrimas, ais
Dos tempos de hoje e dos mais,
Todos juntos num só dia!

OS CAVALEIROS, fóra; uma voz:

Nunca mais o seu pendão
Nos levará para a guerra.

CORO:

Nem as hostes rolarão
De cêrro a vale, em trovão,
— Furia dos céus sobre a terra!

OS MONGES:

Alma! vae. — Na imensa Altura,
Entre canticos festivos,
Teu vulto se transfigura
Na divina formosura
Dos mortos que já são vivos...

OS CAVALEIROS; uma voz:

Nos campos de Aljubarrota,
Eramos um contra cem;
— Ele olhava: e não sei bem...

CORO:

C da qual, por sob a cóta,
Sente mil contra ninguem.

OS MENDIGOS, fóra; uma voz:

E bem! e mal! E não poupa
Dura morte o bom mosteiro.

CORO:

Condestavel: Companheiro
Que nos dava o pão e a roupa,
Seu coração todo inteiro!

O ANJO DA GUARDA, com impaciencia, para dentro do Templo, num longo gesto de quem chama:

Alma! vem... Porque demoras?

AS SOMBRAS DOS MORTOS:

E' que não és desta vida!
— Fôra um suspiro das horas
A Eternidade, onde moras,
Se houvesse lá despedida.

OS MONGES:

Alma! vae... A' Patria em guerra
Trouxeste o céu, tanta vez;
A gora, ao céu, nossa terra
Leva-a, tu, no que ela encerra
De mais santo e português.

Vem saindo da igreja toda a côrte: El-rei, os infantes, a rainha, a princeza, aias e pagens, cada qual com suas armas e insignias sôbre os alvos trajos de dó.

EL-REI, entre soluços:

O' meu irmão e meu conde!
Porque me deixas ficar?
Dentre a chama que te esconde,
Estende a mão, donde a onde:
— Leva-me ao céu, par a par.

O PRINCIPE DOM DUARTE, que foi sabio e foi triste, abraçando El-Rei:

Padre, Senhor e meu Rei!
Aqui sou, ao vosso lado;
Vamos á Morte: e lerei
As coisas que inda não sei
No grande Livro fechado...

O INFANTE DOM FERNANDO, que pela Patria morreu, martir e santo, cativo dos Moiros:

O' meu Pai e meu Senhor!
Socegai: não choreis tanto.
—Qual semente em nova flor,
Deus me engeite, se eu não for
Algum dia, heroi e santo

O INFANTE DOM PEDRO, o que, por toda a terra, correu nobres aventuras:

Deixai, Senhor! o negrume
De tão longas despedidas.
—Ao mundo irá quem presume
Vir contar-vos, junto ao lume,
Contos das Sete Partidas...

O INFANTE DOM HENRIQUE, que descobriu os mares e armou caravelas:

E tambem eu, frota em frota,
—Espraiando vossas maguas
Da Treva, incerta e remota,
Farei nova Aljubarrota,
Valverde de infindas aguas!

EI-REI, voltando-se para a porta do Templo:

Filhos meus, da minha esp'rança,
Muito sereis, cada qual;
Mas, Este, com sua lança,
Sua bemaventurança,
Fez tudo,—fez Portugal!

O POVO; uma voz:

E bem! e bem! Quem descobre
Outro igual ao nosso lado?

CORO:

Sendo rico, fez-se pobre,
Fez-se humilde, sendo nobre
E Santo, sendo soldado.

OS CAVALEIROS:

Adeus, batalhas na Espanha!

O POVO:

Fica a Patria... Olhai por ela.

OS MARINHEIROS:

A nossa Patria é tamanha!
Não cabe contra a Montanha...

O POVO, profecticamente:

Meteu ao Mar... Vai-se á vela!

OS MONGES:

O' Patria desamparada,
Orfã, triste e soluçando!
Tua Guia, Benção e Espada,
Foram-se ao ceu, de longada...
—Ah, Senhor Deus! até quando?

EL-REI, voltando-se na ultima despedida:

Até quando, ó companheiro,
Que me não levas comtigo?
—Pois me fizeste o Primeiro,
Pôr-me, agora, em derradeiro,
Não é bem: não foi de amigo!

OS CAVALEIROS; uma voz:

Oh! até quando... Onde foste?

OUTRA VOZ:

De quem serás Capitão?

CORO

Dos Mortos, que voltarão,
(Vivos do Ceu!) hoste em hoste,
Debaixo do teu pendão...

O POVO; uma voz:

Adeus! adeus... Até quando?

OUTRA VOZ:

Até sempre! Até a um dia...

CORO:

Não nos deixava, penando,
Sem tornar ao nosso bando,
Nuno de Santa Maria.

O ANJO DA GUARDA, resplendente como os Espiritos, ao meio da portada da Igreja, tenteando as longas azas e chamando Nun'Alvares:

Alma! vem... Tardamos tanto!

AS SOMBRAS DOS MORTOS, como quem se recorda, e num gesto de suplica:

Portugal,—terra tão linda!—
Dá-lhe a morte um novo incanto;
E Deus chama: e, mesmo ao santo,
Perdôa que fique ainda...

Mas o Anjo da Guarda, logo seguido das Sombras, entra no Templo, para levar, emfim, a alma do Santo Condestavel.

Sobre as suas figuras de espectral visão, como que tocado por mão sobre-natural, vagarosa, silenciosamente se despega um reposteiro de veludo branco com a bandeira de Nun'Alvares em suas côres, armas e divisa, abafando, pouco a pouco, o clarão dos cirios e o clamor dos salmos.

O adro vai ficando ás escuras. Os vultos perdem-se na sombra como se fôssem outras sombras. Os orgãos soluçam, num arroubo de gloria e de saudade.

Então, um grande relampago, demorado e estranho, abre, por entre as nuvens negras, uma larga esteira de oiro, unindo, durante um segundo, o céu e a terra,—e parecendo, prolongado o espaço, o derradeiro lumaréu dos lampadarios e dos cirios. Depois,—como se fôsse o eco infinito dos orgãos, — rebôam, na altura, misteriosos e profundos trovões.

O POVO, na distancia e na treva; uma voz:

Ouvi!—Os proprios trovões,
Como que em voz dolorida
Nos dão, em altas razões,
As graves consolações
De tal morte e despedida.

OUTRA VOZ:

Não são trovões pela altura,
Mas o Santo português
Roçando a sua armadura
Contra nuvem mais escura,
Pelas estrêlas, talvez!

OUTRA VOZ:

Leva a Deus espada e cóta
Com que a Patria defendia!

OUTRA VOZ:

E, no céu, que lhes faria?

CORO, enchendo o mar e a terra, longamente, como uma profecia de desgraça e redenção:

Capitão de Aljubarrota,
Tornarás, inda algum dia...

(Assim foi este Misterio.)

Antonio Correia d'Oliveira

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

DAMIÃO & C.TA *57, Rua Garrett, 59*

E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A crise do casamento

Gravissimo, minhas senhoras: certo cavalheiro que consome a vida fazendo estatisticas, garante-nos que existem na Europa quinze milhões de mulheres irremediavelmente condenadas ao celibato.

Não é por certo porque o sexo que mais contribue para a multiplicação da humanidade se tenha recusado ou se recuse a pedir a Deus filhos varões. As donzelas de Portugal, embora susceptiveis de preferencias, ambicionam na sua maioria, uma vez casadas, um casal de crianças, isto quando não desejam até que se cumpra a profecia dos convidados para a boda—«hão-de ter muitos meninos». E' que a grande guerra, essa guerra que muitos classificaram como puramente comercial, exterminando os homens fez do casamento um comercio.

O mancebo «blasé» deste seculo de solavancos, resolveu dar-se foros de hiper-homem, tirar todo o partido possivel da falta de numero...

Os unicos casamentos que em terra nossa hoje abundam, são os de inclinação para o dinheiro, os casamentos—chéque os casamentos de casa posta pelo sogro e rendimento vitalicio garantido.

O «amor a serio», o das serenatas poeticas, o das cartas incendiarias e do beijo furtado, envergonhou-se, desapareceu...

Mas o que importa saber, sobretudo ás senhoras, é que na Europa há quinze milhões de damas destinadas a aturar sobrinhos...

O problema não tem solução facil, visto que o nosso sentimentalismo, postiço ou real, reprova a poligamia e o matrimonio da mão esquerda não é direito.

Posta de parte por insuficiencia a ideia do casamento por hipotese—aquele exame de namoro em que noivo e noiva se separam antes de defender tese—o que resta fazer?

Casar muitas vezes. O divorcio não foi inventado para outra coisa. E assim ficará dividido o mal pelas aldeias, expressão esta que tambem se ajusta como luva «chic» á tal sentimentalidade da raça.

Vão objectar-me que o divorcio por simples necessidade de multiplicação, destruirá muitas felicidades que se julgam com jus a ser felizes toda a vida. Ora a felicidade perfeita é aquela que se não tem ou já se teve.

Sacrifiquemo-nos um pouco.

Porque é absolutamente indispensavel intensificar a produção, para que as gerações vindouras não sejam flageladas pela mesma crise que agora vos aflige.

Sarmento Duque

MÁ-LINGUA

"Horas"

por Caetano Campo

Teve este autor uma excelente ideia
—hoje que ninguem sabe a quantas anda,—
chamando «Horas» ao livro em que se estreia
a sua musa comedida e branda.

E' sempre bom que a inspiração se expanda
em verses naturais, que a gente leia
sem ficar parvo ou de cabeça á banda
(posição na verdade muito feia).

Ha bom e mau no livro lido agora;
não irá pois parar á Boa-Hora
este poeta de real inspiração.

Pena é que ante alguns versos inferiores
se sintam indecisos os leitores
não percebendo ao certo... que horas *são...*

TAÇO.

OS FRESCOS NA ARTE PORTUGUESA

PINTURA PRIMITIVA

O sr. dr. Vergilio Correia faz ao "Diario de Lisboa" interessantes revelações

O ilustre etnologo vai fazer no congresso de Historia de Arte, que se realisa em Paris, uma interessante comunicação sobre os frescos das igrejas de S. Francisco do Porto, Barcos e Outeiro Sêco.

No proximo mês de Setembro realizar-se há em Paris, um Congresso de Historia da Arte, organizado por iniciativa da Sociedade de Historia de Arte Francesa. Esse Congresso será inaugurado solenemente em 26 de Setembro, na Sorbonne, durará dez dias e comportará excursões e visitas a monumentos e coleções, estaduais e particulares, tanto da capital francesa, como de Chartres, Reims, Rouen, Versailles, Chantilly, etc. Na mesma ocasião, pelo ministerio de Instrução Publica e Belas Artes, será franqueada ao publico uma grande exposição de plantas, desenhos e fotografias dos monumentos historicos da França.

Segundo o programa que recebemos do comité de organização, os trabalhos do Congresso repartir-se hão em quatro secções: Ensino e Museografia, Arte Ocidental, Artes do Oriente e Historia da Musica.

No comité de organização encontram-se os nomes de Henry Lemonnier, André Michel, Emile Male, Leonce Bénédite, Paul Leon, Gaston Migeon, Théodore Reinach, etc. Para cada um dos paizes aderentes foi escolhido por este comité um delegado, a cargo de quem ficou a direcção de todo o movimento de inscrições e recepção de memorias. A inscrição no Congresso custa 30 francos. Em Portugal o delegado da comissão central é o sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga.

Lembramo-nos de falar neste assunto ao sr. dr. Virgilio Correia, pessoa que pela sua situação e estudos devia andar bem informada ácerca desta reunião de eruditos de arte.

—Portugal faz-se representar no Congresso?

A esta pregunta o nosso amigo, respondeu:

—Faz e suponho que regularmente. Oficialmente pelo sr. dr. José de Figueiredo, que pelos seus trabalhos e relações tem em Paris uma situação de excepcional relevo. Particularmente por varios criticos e historiografos de arte.

—Pode citar-me alguns nomes?

—Olhe, por exemplo, o dr. Reinaldo dos Santos, o investigador da nossa renascença; o capitão Almeida Moreira, director do Museu Grão-Vasco, de Viseu; o dr. Aarão de Lacerda, professor de uma cadeira de Historia de Arte na Escola de Belas Artes do Porto, o meu colega Luiz Keil, do Museu de Arte Antiga, eu proprio...

—E em que condições vão?

—A' nossa custa, naturalmente. Como queria que fossemos? Tres vezes visitei a Italia, em viagens e missões de estudo, e sempre sem dispendio para o Estado. Comissões remuneradas ao estrangeiro, só as concedem os ministerios da guerra, marinha e colonias. O pobre ministerio da instrução não dá para esses luxos.

—E a respeito de comunicações a apresentar ao Congresso?

—Isso é com o sr. dr. José de Figueiredo. Consta-me, porem, que há algumas muito interessantes.

—E a sua?

—A [illegible]nha é sobre um assunto quasi compl[illegible]nte por tratar, em Portugal. A n[illegible] primitiva a fresco.

—[illegible]gal tambem se notabilizo[illegible] de pintura? Mas nenhum[illegible]e se refere a esse facto.

—[illegible]u amigo. Estas, como outra[illegible]nhecem-se depois de se procu[illegible]eorias e teoricos, de historiado[illegible]s de arte, estamos nós já fornecidos. O que é necessario é estabelecer a base solida sobre que há-de assentar toda e qualquer tentativa honesta de uma Historia de Arte Portuguesa. Inventariar os monumentos e as obras de arte; coligir os documentos. Isso fez Sousa Viterbo e o seu nome ficará imortal; isso faz o sr. dr. José de Figueiredo procurando os quadros e identificando-os; isso faz o professor Luciano Freire reintegrando as taboas no seu estado primitivo. A mesma corrente seguia o dr. Teixeira de Carvalho, que a morte veiu interromper na epoca de mais fecunda e metodica produção...

—Trabalho pratico, então?

—Naturalmente. Documentos, desenhos e fotografias são os elementos essenciais para a elaboração de qualquer obra seria. E esta parece ser a orientação do sr. ministro da instrução, mandando fazer os inventarios das nossas riquezas monumentais e artisticas, e publicar os catalogos dos Museus. Foi o primeiro titular da pasta da instrução que dotou com uma verba, capaz ao menos de pagar as fotografias, o inventario dos azulejos, que José Queiroz iniciou e que eu estou encarregado de continuar.

A conversa, embora interessante, ia-se afastando um tanto do nosso objectivo. Voltamos portanto a preguntar:

—Mas onde se encontram os frescos que constituem o assunto da sua comunicação?

—Todos no Norte. Um dos mais importantes cuja reprodução, pela primeira vez apresento, é o da igreja de S. Francisco do Porto, que ultimamente tem merecido as atenções dos criticos de arte dessa cidade. E' uma obra muito interessante da 2.ª metade do seculo XV, executada por um pintor italiano ou educado em Italia. Os outros existem nas igrejas de S. Martinho de Mouros, de Barcos, concelho de Taboaço, e de Outeiro Sêco, perto de Chaves.

—E que processos seguiu para obter os reproduções desses frescos?

—Os habituais. A fotografia e o desenho. Como, pela sua situação muitas das figuras não podiam ser fotografadas, consegui que um artista de merito e competencia, o aguarelista Alfredo Candido, me acompanhasse e copiasse as composições rigorosamente. Esse trabalho era indispensavel, porque a cada nova visita que fazia ás pinturas as encontrava mais deterioradas, em especial as de Outeiro Sêco, que, são indubitavelmente, as mais importantes.

—Esses então estão salvos?

—Absolutamente, se por salvas entende reproduzidos. Fica assim uma prova documental, segura, colorida, da sua existencia, e isso não é pouco. E deixe-me dizer-lhe que sem o auxilio dos srs. Ginestal Machado e Antonio Granjo, ministros da instrução e comercio, eu não poderia terminar o trabalho a tempo de o poder apresentar ao congresso de Paris. O primeiro facilitou a ida do desenhador; o segundo escreveu para Outeiro Sêco, recomendando-nos. A sua carta foi lida á hora da missa, solenemente, á gente brava da freguesia—tão brava que iam matando lá o dr. Granjo por ocasião do primeiro arrolamento que se fez ás igrejas depois de proclamada a Republica—, e esta portou-se comnosco com a maior correcção.

E o nosso entrevistado concluiu:

Diziam que não havia pinturas a fresco em Portugal. Engano, meu amigo. O que era necessario era procurá-las e vulgarisá-las.

A' VOLTA DO LEILÃO AMEAL

O SR. DR. JOSÉ DE FIGUEREDO PRECISA A SUA ENTREVISTA DE ONTEM

Uma carta do director do Museu de Arte Antiga

"Não foi o Museu do Prado que adquiriu um quadro do grande pintor Silva Porto„

O sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, enviou-nos a seguinte carta:

Sr. Director:—Na entrevista que me foi feita ontem sobre a venda, em leilão, da colecção Ameal, e que ontem mesmo o seu jornal publicou, há uma pequena inexactidão, facilmente explicavel dadas as condições em que essa entrevista foi feita.

O Museu do Prado não adquiriu nenhum quadro de Silva Porto, nem podia adquiri-lo, pela simples razão de que o grande museu de Madrid só abriga, como o das Janelas Verdes, arte antiga, que não vai alem do meiado do seculo XIX. O que eu disse neste ponto, foi que tendo sido vendido, por pouco mais de quatro contos, um *excelente* quadro de Silva Porto, representando «vacas pastando num prado», se tinha vendido depois uma outra pintura *muito inferior* do mesmo artista, o «estabulo», por mais de dezasseis contos! E o publico, que era o mesmo, não tinha sequer a atenuante (lamentavel atenuante essa) da maior dimensão da tela, cujas medidas, se não eram iguais, *andavam* comtudo pelas do primeiro quadro. E é isto, quer dizer esta unidade de acção: local, tempo e compradores, que dá importancia e significado ao facto.

Poeta admiravel e valendo sobretudo como tal, as telas de Silva Porto falam como poucas ao sentimento e não necessitam, para se imporem, da cultura especialissima que exigem as obras de outros artistas que vivem sobretudo da tecnica.

O valor dos seus trabalhos, por mais que eles «passem em leilão», é portanto mais dificil de regular do que o de artistas cujo poder de construção foi sem duvida muito mais completo. Tal é o caso de Lupi, o maior tecnico da nossa pintura em todo o seculo passado.

Agradecendo-lhe, e ao seu redactor, todas as suas amabilidades.

Creia-me, de v., etc.—*José de Figueiredo.*

Uma reclamação

Os agentes de fiscalização do ministerio da agricultura que foram dispensados protestam junto do respectivo ministro

Os agentes da fiscalização do ministerio da agricultura que foram dispensados do serviço no comissariado geral dos abastecimentos e colocados em sub-regiões agricolas da provincia, apresentaram varias reclamações ao sr. ministro da agricultura, a proposito daquela colocação.

Na presidencia do ministerio

As conferencias de hoje

Conferenciaram, hoje, com sr. presidente do ministerio, os srs. ministros da guerra e da agricultura, dr. Augusto Soares, dr. Fernandes Costa, Belchior de Figueiredo, dr. Agostinho Fortes, tenente coronel Pico etc.

A CIDADE

ACLARAÇÕES A UMA ENTREVISTA

O REGIME DOS TRÊS TIPOS DE PÃO É ABSOLUTAMENTE PERIGOSO

O sr. dr. Nunes Mexia declara ao "Diario de Lisboa,,:

"Esse regime corresponde fatalmente á elevação do preço do pão para 80 centavos,,

O Diario de Lisboa *publicou ontem uma entrevista com o sr. dr. Joaquim Nunes Mexia, em que se faziam interessantes afirmações sobre o momentoso problema dos trigos. Parece, no entanto, que as palavras do jornalista não traduziram inteiramente o pensamento do director do Banco Agricola. Por isso nos apressamos a publicar uma carta que aquele senhor nos enviou, em que se fazem algumas aclarações e novas afirmações interessantissimas.*

Sr. redactor do «Diario de Lisboa»:—A entrevista publicada no *Diario de Lisboa* de hoje afasta-se tão sensivelmente das minhas afirmações que me obriga a solicitar um canto do jornal de amanhã, para fazer algumas rectificações indispensaveis e suprir deficiencias desagradaveis. Pois se até se diz que o decreto de iniciativa do sr. dr. Granjo foi aprovado pela Camara dos Deputados, quando se afirmou que foi publicado no uso das autorizações parlamentares...

Para me não alongar limito-me a afirmações sinteticas do resumo da minha entrevista, que se podia tornar susceptivel de erradas interpretações. Afirmei que durante a anormalidade da guerra e emquanto se mantivesse esta maior anormalidade da paz, a solução do pão e do trigo só cabia no regimen do tipo unico de pão, extracção duma só qualidade de farinha no diagrama indicado pelo peso especifico do trigo, o mesmo preço de pão para todo o país, com a unica diferença resultante dos transportes, manutenção do regimen da lei de 1899 com a sua base de preços minimos de garantia, e estes alterados em termos de constituirem forte um estimulo de intensificação da cultura.

Disse que a politica do pão barato foi causa maxima do nosso descalabro financeiro e economico, e que os bonus brutais que demos á cultura americana, e aos intermediarios, que, da nossa ruina colectiva tiraram opulencia individual, melhor aplicados teriam sido em auxilio á lavoura nacional, assim orientada para nos bastarmos, embora transitoriamente, como era possivel e indispensavel,

Que a previdencia representada pelo decreto do sr. dr. Granjo deveria ter sido respeitada, como era indispensavel, para não acabar de derruir a confiança do produtor.

Desde porém, que o actual titular da pasta da agricultura não poude acatá-la, foi lançado de facto no regime da ditadura, o que então seria preferivel que todo o governo, numa ditadura franca, tivesse entrado, porque entre as duas, menos nociva esta era, porque não desorganizava a economia agricola.

Demonstrei que o protelamento do assunto pelo recurso á proposta apresentada ás Camaras, da liberdade do comercio de trigos nacionais, correspondia á solução péssima.

1.º Porque protelava o assunto que carecia de solução urgente; 2.º Porque abandonava os principios basilares da lei de 99, o que, até como simples precedente, era gravemente atentatorio da economia agricola e nacional; 3.º Porque só curava de Lisboa e Porto deixando a provincia em luta numa divisão hostil, entre a zona produtora e zona consumidora, verdadeira espada de dois gumes que feriria fatalmente uma ou-outra, conforme o uso que se desse á liberdade de comercio e ás faculdades com que o governo fica de dispor das farinhas exoticas.

Acrescento agora aqui que o regime dos tres tipos de pão é absolutamente perigoso e corresponde fatalmente á elevação do preço do pão para 80 centavos, porque o outro será intragavel, e presta-se a todos os expedientes susceptiveis de originarem para o governo as maiores dificuldades e que a extracção de mais de uma qualidade de farinha por parte das fabricas de provincia só serve para garantir a continuação dos negocios opimos do ultimo ano, e manutenção da iniquidade de desigualdade de preços do pão por todo o país.

Terminei por afirmar que o indicador do preço do pão devia ser fornecido pelo preço do trigo exotico em efectivação de um criterio verdadeiramente comercial com beneficio para o produtor português e justa defesa do consumidor, sob a formula de bonus de produção, se fôsse preciso.

E afirmando o meu respeito pelas boas intenções pelo actual titular da pasta da agricultura, a quem fazia e faço justiça, aguardava que da sua colaboração com o parlamento saissem modificações da sua proposta traduzidas pelo respeito aos principios da lei de 99, como era mister para defender a economia nacional de maiores e mais nefastos resultados.

Feitas estas mais indispensaveis aclarações e muito penhorado pela gentileza com que atendeu o meu pedido subscrevo-me, de v. etc.—*Joaquim Nunes Mexia.*

As eleições em Cabo Verde

Realizam-se depois de ámanhã as eleições para 2 deputados e 1 senador, em Cabo Verde.

O PROJECTO DO FUNCIONALISMO

P'RÁ RUA, NÃO!

O que nos diz o sr. Nogueira de Brito, oficial do ministerio do Interior

Urge comprimir as despesas, mas não por este processo. —O funcionalismo tem de ser remodelado e não persegui-lo.—O que ha a fazer é tornar aproveitavéis os serviços publicos e dar-lhes uma orientação moderna

O projecto dos funcionarios publicos está na ordem do dia. Nas secretarias do Estado não se fala noutra coisa, os jornais começam a preocupar-se com o assunto, encarando-o cada um de sua maneira, mas sendo todos unanimes em considerar que uma questão de tamanha gravidade e complexidade não pode ser feita no ar, ainda que no mais salutar e honesto proposito de realizar uma util obra governativa.

Pelas declarações do sr. presidente do Ministerio, feitas ontem ao nosso redactor se podia ver que o governo não tem o proposito de perseguir ninguem. Lamentavelmente, esta parte das declarações do sr. Tomé de Barros Queiroz foi truncada na tipografia, de modo que não ficaram muito claras as declarações de s. ex.ª, que, em sintese, nos declarara não ter o proposito de atirar quem quer que fosse para a miseria.

O acaso pôz-nos hoje em frente do sr. Nogueira de Brito, distintissimo oficial do Ministerio do Interior. influente categorizado na Associação dos Funcionarios e individualidade de muito espirito e grande ponderação. Ele nos diz:

—Em principio, concordo com a redução dos quadros, mas realizada por um processo muito diverso e absolutamente oposto ao seguido pelo governo...

—Então...

—Este projecto é um desastre. Nem eu, nem ninguem de bom senso pode concordar com uma reforma atrabiliaria, sem outros pontos de vista que não sejam economizar vinte e cinco tostões, prejudicando e confundindo mais a vida das secretarias do Estado.

—V. ex.ª viu o projecto?

—Vi. Estou a estudá-lo. Não há o direito de atirar qualquer pessoa para fora da vida publica, sem causa-crime ou desleixo que para tanto o justificasse. Os funcionarios estão nos seus lugares nomeados. Não há direito de rasgar os diplomas de nomeação. Estão a mais? Dividam-se para serviços que dèles precisam e muitos há. Se fôr necessário, criem-se quadros de adidos, mas com os vencimentos, subsidios, subvenções por inteiro.

—Não resultaria economia...

—A economia legitima só é e pode ser a que venha de um principio bem defendido e executado de não admitir mais pessoal, melhorando os serviços publicos. Economias á custa do pobre funcionario, que já vive mal e cada vez peor — é um mau passo politico e administrativo.

O sr. Nogueira de Brito diz-nos tudo isto com a maior serenidade, sem um indicio que traduza exaltação. Parece estar fazendo uma conferencia.

—O que é preciso é arejar de alto a baixo a vida burocratica, animá-la, actualizá-la, mandar os velhos para casa, por uma aposentação justa, aproveitar as faculdades da mocidade, o saber dos que o tem. Há no funcionalismo maus empregados? Talvez! Mas isso de mau funcionalismo é uma ária com que se pretende tanta vez justificar os erros e insuficiencia dos politicos.

—Pensa que o projecto irá ser atacado?

—Sem duvida. Até pelos que não são funcionarios. Eu concordo que é necessário, urgente, inadiavel fazer a compressão das despezas. Mas êste projecto traz algum beneficio financeiro que se veja e compensa os abusos morais a que vai dar lugar? Ah! Não falemos nisso...

E, concretizando:

—Repito: impõe-se a remodelação dos serviços publicos, ordenada, inteligente, metódica. Isso é que é. Sem precipitações, sem pressas e com um objectivo mais alto e mais nobre do que conseguir uns patacos para o cofre publico... Se se conseguir. Quere ver um dos absurdos, das injustiças pesadas e afrontosas do projecto? E' no caso da eliminação dos funcionarios, em *cada categoria.* note, pelo menos tempo de serviço nessa categoria. Um funcionario, distinto e zelozo, que foi promovido de terceiro para segundo oficial, por exemplo, fica na sua nova categoria naturalmente atraz de todos. Pois vem o projecto e põe-o na rua! Os seus antigos colegas, que não subiram, não se distinguiram e continuam na categoria de terceiros oficiais, êsses ficam no quadro. E' o estimulo, ás avessas. Isto é, de resto, só um exemplo. Eu tenho, a respeito da administração publica, as minhas idéas, que não são fechadas, mas são ponderadas. Não se pode legislar assim, *á doida.*

—Como pensa que devia ser feita a remodelação?

—Isso é longo e não cabe em conversa. Penso que devia haver um unico quadro de oficiais de secretaria, outro de aspirantes e os chefes de repartição. Mais nada. Mas tudo isto feito com ordem, gradualmente. sem atirar á cabeça de ninguem.

Tinha dito o suficiente o distinto funcionario e do que disse só deixamos um palido resumo. Já na despedida lembrou:

—Veja. Veja. O que se disse quando o João Franco fez coisa parecida aos pobres amanuenses. E' verdade que o projecto não atira a miseria para o funcionario. Mas, tambem... era o que faltava...

E, terminando:

—Mas isto tem que ser visto com muita segurança. Há mais que fazer, do que despedir funcionarios. Há que tórnar uteis os seus serviços. Fazer disto — e apontou o Terreiro do Paço — uma coisa séria e proveitosa.

Corpo de marinheiros

O seu comandante interino será o capitão de mar e guerra sr. Pereira Leite

Fica comandando interinamente o corpo de marinheiros o capitão de mar e guerra sr. Pereira Leite, emquanto não fôr para ali um contra almirante.

Notas Mundanas

Diplomatas

E' esperado em Lisboa, por estes dias, o sr. dr. Fontoura Xavier, embaixador do Brasil entre nós.

—Ao seu país, regressa brevemente o sr. ministro da Holanda em Lisboa.

—Regressaram de Vidago os srs. dr. Manuel Herrera y Raytzig, ministro do Uruguay em Lisboa, e sua esposa, e D. José Maria Cantillo, ministro da Argentina em Portugal, sua esposa e interessantes filhos.

—Partem brevemente para a praia da Granja, onde vão ser hospedes da sr.ª condessa de Burnay, o sr. coronel Tomaz Birch, ministro da America em Lisboa, e sua esposa.

—Com sua esposa e filhos, partiu hoje para o Monte Estoril, onde vão passar o verão, mr. Watson, encarregado de negocios da Inglaterra.

—Mr. Pondal, secretario da legação da Argentina, e sua esposa, são esperados no Monte Estoril.

Veraneios elegantes

Monte Estoril, 14 de agosto

Continuam sendo concorridas as «soirées» da moda do Casino Internacional desta aristocratica praia, onde, além dos esplendidos concertos pelo sexteto, sob a direcção do eximio violinista René Bohet, se exibe um magnifico numero de variedades, aos quais se seguem animados bailes. Hontem recorda-me ter ali visto, entre outras, as sr.as:

D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Halla Correia Leite e filha D. Dalila, D. Maria Pressler Pinheiro Chagas e filha; D. Mary Andresen de Bregaro, D. Berta de Mendonça de Somer Viana, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Raquel da Costa Cardoso e filhas, D. Izaura Roquete, D. Lea Cohen Zagury e filhas, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, Annete Amzalak, D. Maria Tereza Correia Ornelas de Matos, D. Adelaide da Camara Leme e filha D. Maria Adelaide, D. Mariana de Castelo Branco, D. Ida de Magalhães Pedroso, madame Riechmann, mesdemoiselles Pereira da Silva e Castro, etc.

Carlos.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Faria, viscondessa de Olivã, D. Maria Eugenia de Mendia de Lencastre, D. Elvira Silveira e Oliveira Pedroso Coutinho, D. Maria Povoas Tomaz de Magalhães, D. Maria Eugenia Saturio Pires, D. Maria José Rolin Geraldes Barbas, D. Maria Izabel de Freitas Branco, e D. Maria do Carmo Alves de Carvalho.

E os srs.:

Conde de Castelo Mendo, D. Francisco Paulo Macedo de Portugal e Castro, José Libanio Ribeiro da Silva, Emilio Infante da Camara Junior, Bento de Mendonça Falcão do Amaral, José Marques de Freitas e Julio da Gama Lobo Cayola.

Casamentos

A'manhã realiza-se, pelas 11 horas, na capela particular do palacio dos tios-avós da noiva, sr.ª D. Carlota Emilia de Almeida Valejo Feio de Araujo Juzarte e do sr. dr. Joaquim Xavier de Araujo Juzarte Campos, o casamento da sr.ª D. Maria Tereza dos Santos e Silva de Almeida Valejo (Rio de Moinhos), gentil filha da sr.ª D. Candida dos Santos e Silva de Almeida Valejo e do sr. dr. Manuel de Almeida Valejo (Rio de Moinhos), com seu primo o sr. Eduardo Caldeira de Figueiredo Soares Mendes. Servirão de madrinhas por parte da noiva sua tia-avó e sua mãe e por parte do noivo a sr.ª viscondessa do Tramagal e de padrinhos por parte da noiva, seu tio-avô e seu pai e por parte do noivo seu irmão o sr. João José Caldeira de Figueiredo Soares Mendes.

Celebrará o acto s. ex.ª rev.ma o sr. arcebispo de Mitilene, que oficiará em seguida missa «pró spronso et spronsa».

Finda a cerimonia religiosa será servido na vasta sala de jantar do Palacio Juzarte, á rua dos Lagares, um finissimo «lunch» fornecido pela acreditada «pâtisserie Benard».

Em viagem

Encontra-se em Lisboa, vinda da sua esplendida quinta do Viso, perto da Figueira da Foz, aonde regressa na proxima segunda feira, a sr.ª D. Maria do Loreto de Borja Trindade.

—Estão já em Cascais, com sua gentil filha e filho, os srs. condes de S. Lourenço.

—Regresssou do estrangeiro, com sua esposa a sr.ª D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, o sr. dr. João Albino de Sousa Rodrigues.

—Com sua filha D. Ana, parte na proxima semana para o Monte Estoril, a sr.ª condessa das Alcaçovas (D. Tomasia).

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre (Sôto d'El-Rei), está já em Cascais o sr. D. Nuno de Almada e Lencastre (Sóto d'El-Rei).

—Na praia da Granja encontra-se já com sua esposa a sr.ª D. Assunção Burnay Morales de los Rios da Camara, o sr. D. Rui Zarco da Camara (Ribeira Grande).

—Na mesma praia é esperada, por estes dias, a sr.ª D. Amela Burnay Morales de los Rios da Silva Leitão, acompanhada de seus gentis filhinhos. Seu marido, o sr. Octavio da Silva Leitão, só para alí seguirá no fim do mês.

—Nas Caldas da Rainha é esperada com sua gentil filha D. Maria Helena, a sr.ª D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães, esposa do sr. Vasco Calvet de Magalhães.

—Parte no proximo domingo para o Monte Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Macedo e Brito de Romero, o sr. João Romero.

Ler na 2.ª pagina:
ASSINAR OU NÃO ASSINAR
Artigo de um jornalista para colegas jornalistas, por Norberto de Araujo

CARVÃO
CARDIFF das minas
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092- 5093-5094
Londres—56 Ludgate Hill

PROVINCIAS

Em Vila Real

O funeral do dr. Antonio da Costa Sampaio

Vila Real, 3

Constituiu uma imponentissima manifestação de pesar o funeral que o povo de Vila Real fez ao ilustre medico dr. Antonio da Costa Sampaio, falecido repentinamente no Porto.

O corpo do finado, encerrado em urna, chegou aqui no comboio da tarde de ontem, sendo conduzido na carreta dos Bombeiros de Salvação Publica para a União Artistica Vilarealense, onde ficou depositado até ás 20 horas; na estação era aguardado pelas pessoas mais ilustres da terra, representantes de associações e colectividades, e muito povo.

A's 20 horas organizou-se o funeral para o cemiterio desta vila, sendo acompanhado por muito povo.

Organizaram-se varios turnos; no primeiro tomaram parte os representantes do governador civil, do comandante da divisão, presidente da camara, director de finanças, etc., o segundo era constituido por medicos; o terceiro por professores do liceu e escola primaria superior, etc. Levava a chave da urna o reitor do liceu, dr. Pedro Serra, amigo intimo do finado. Foram oferecidas muitas coroas e bouquets.

No funeral encorporaram-se varias associações, academia, etc., com as suas bandeiras e estandartes cobertos de crepes. O finado era professor da escola primaria superior, ex-professor do liceu, medico do hospital, presidente da direcção do Asilo de Infancia Desvalida, medico e fundador da Cruz Branca, medico dos caminhos de ferro do Minho e Douro, medico escolar do liceu, onde organizou o orfeon academico, etc.

Festa de Santana

Com enorme concorrencia realizou-se no domingo a festa da Santana, na Campeã,

Pedido de casamento

Para o sr. Adelino Augusto Chaves, foi pedida em cassmento a sr.ª D. Luisa Alves Janeiro, da Regoa.

Em Sernache de Bonjardim

A festa do Coração de Jesus

Sernache de Bonjardim, 3

Com grande concorrencia de povo realizou-se no passado domingo a festa do Coração de Jesus com comunhão a grande numero de creanças. Decorreu em boa ordem.

O serviço de camions

A quem competir perguntamos: Porque motivo é a Certã, que nos dista 9 quilometros, servida por um regular serviço de camions e Sernache continúa a ser servido pessima e tardiamente por uma traquitana puxada por estafados animais? E' favor ou quê?

Falta de generos

Não se sabe porque voltou novamente a haver falta de alguns generos de primeira necessidade e notando-se grandes subidas em alguns.

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 6. — Resa-se transfiguração de Nossa Senhor Jesus Cristo, rito duplex 2.ª classe, paramentos brancos; 2.ª oração His o, etc. ms. Credo e prefacio do Natal.

LAUSPERENE — Na igreja paroquial do Socorro.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, coro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa.

Socorro, ás 16, missa da Paz; ás 19, terços bemditos, por musica.

Capelinha do Rosario (no cemiterio do Alto de S. João, rua 4), ás 12, missa resada.

Chagas de Cristo, ás 17, terços do Rosario.

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

ALVARO CAMPOS, LIMITADA
FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES
Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.
ANALISES
PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—PROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico
Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e sóros Mulford. Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»
LISBOA — 103, Largo das Duas Igrejas — TEL. C. 1017
PORTO — 80, Rua Sá da Bandeira — TEL. 1775

S.I.C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.
Em armazem para entrega imediata
VENTOINHAS A. E. G.
DINAMOS E MOTORES
LAMPADAS "EGMAR" E "OSRAM"
AS MELHORES
12, RUA DOS FANQUEIROS, 14 e 16

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

N.º 40 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 5-8-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

A criada vem abrir, passa a cabeça pela frincha e diz:

— A senhora há muito tempo que está...

— ... Deitada, concluiu êle. Diga á senhora que o marido já voltou.

A criada desapareceu; vai bater ao quarto da senhora e pronuncia, através da porta fechada:

— Devo dizer á senhora que o senhor já entrou.

Do interior a voz da senhora pregunta;

— O que diz? O senhor já entrou? E quem lhe pediu para mo dizer?

— O senhor mesmo. Está diante da porta.

Lamentações aflictas ouvem-se no quarto da senhora, seguidas de um murmurio animado; depois o ruido de uma porta que se abre e se fecha. E tudo recae no silencio.

O marido entra. A senhora vai ao encontro dêle com a morte na alma.

— O club estava fechado, disse êle imediatamente, compadecido. Mandei-to dizer para não te assustar.

A mulher cae numa cadeira, consolada, livre, salva... Na sua felicidade, o seu bom coração trasborda e informa-se da saude do marido:

— Estás palido! Que tens, meu querido?

— Não tenho frio, responde êle.

— Mas aconteceu-te alguma coisa? Tens o rosto tão singularmente contraido!

O marido responde:

— Não, é um sorriso. Esta será de ora ávante a minha maneira de sorrir. Quero que esta careta seja particularmente minha.

A mulher ouve estas palavras breves e roucas e não as compreende, nem lhes concebe de modo algum o sentido. Que quere êle dizer? Ora, de subito, êle enlaça-a nos braços, duros como ferro, com uma fôrça terrivel, e murmura, com o rosto perto do dela, algumas palavras de assustadora ironia. Ela solta um grito e chama a criada. Ele deixa-a, com um riso sêco, sacudido, abrindo muito a bôca e batendo nas côxas.

De manhã, o bom coração da senhora havia retomado a serenidade e disse ao marido:

— Tiveste um acesso esquisito, ontem á noite. Vejo que já te passou, agora; mas estás ainda palido esta manhã.

— Sim, respondeu êle; é fatigante ser espirituoso na minha idade. Não tornarei mais a sê-lo.

Ora, depois de ter falado de muitas especies de amor, o frade Vendt descreve ainda uma e acrescenta:

— De tal modo é inebriante uma certa especie de amor! Os juvenis esposos acabavam de regressar da sua longa viagem de nupcias; retiraram-se para o seu quarto.

Uma estrela cadente passou por cima do seu telhado.

No verão, os recemcasados passeavam juntos, muito unidos, sem nunca se afastarem. Colhiam flôres amarelas, vermelhas, azues, que ofereciam um ao outro; viam ondular a erva, ouviam os passaros cantar nos bosques e cada palavra que diziam era semelhante a uma caricia. No inverno, andavam de trenó, os cavalos tinham guiseiras no pescoço, o ceu estava azul e lá, muito no alto, as estrelas percorriam num vôo as planicies eternas.

Assim passaram muitos anos. Tiveram três filhos e os seus corações amavam-se como no primeiro dia, sob o primeiro beijo.

Foi então que o belo senhor caiu doente; doença que o prendeu ao leito tanto tempo e que submeteu a paciencia da mulher a uma tão rude prova. No dia em que, restabelecido, se levantou, não se reconheceu: a doença tinha-o desfigurado, roubando-lhe o cabelo.

Sofria com o espirito em meditação. Uma manhã disse:

— Agora já não podes gostar de mim?

Mas a esposa, córando, enlaçou-o nos braços e beijou-o tão apaixonadamente como nos dias primaveris de outrora:

— Eu amo-te, amo-te sempre. Não esqueço nunca que fui eu e nenhuma outra que tu escolheste, tornando-me tão feliz.

Entrou no seu quarto e cortou os seus cabelos de oiro, para se tornar semelhante ao marido, que ela amava tanto.

E alguns anos passaram ainda. O casal juvenil envelheceu; os seus filhos estavam maiores.

(*Continua*)

DAMIÃO & C.ᵀᴬ 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

A SITUAÇÃO RUSSA

SEGUNDO NOTICIAS DA RUSSIA O GOVERNO SOVIETISTA NÃO PODE TER CONFIANÇA NO EXERCITO

O deputado Moutet interpela no parlamento francês o governo para que tome a seu cargo o auxilio aos famintos que existem na Russia

A situação na Russia dificilmente se tornará mais aflitiva; o governo dos «soviets» que pela sua utopica imprevidencia foi o principal causador das calamidades que dizimam a Russia, toma consciencia do perigo e lança mão de todos os meios para debelar o mal.

Impossivel fazê-lo sem o concurso do mundo; a noção desta verdade vai-se arreigando no espirito das nações.

O deputado Moutet interpela o governo francês no parlamento para que tome a seu cargo levar imediatamente auxilio aos famintos:

«Trata-se duma situação que pode repercutir-se no mundo inteiro. O governo da republica não póde ficar-lhe indiferente».

A população de Moscou está aterrada com a massa de famintos que se dirige para lá, saqueando tudo que encontra.

Trotsky dirigiu-se para a Siberia e Lenine vem á Europa, parece que a Londres, para obterem socorros.

Em Petrogrado estalam a cada instante disturbios que serão reprimidos com toda a crueldade se o governo tiver força para isso porque o proprio exercito vermelho se encontra desorganizado. As tropas, dizimadas pelo cólera, conservam-se nos quarteis.

O governo não póde confiar nele; não se sabe o que acontecerá quando os esfomeados se abaterem sobre Moscou.

Mesmo com forças fortes e organizadas seriam precisos muitos milhares de homens para conter a furia daqueles desesperados.

As fabricas foram entregues aos antigos donos; os caminhos de ferro de Petrogrado foram já entregues á companhia belga sua antiga proprietaria.

Os caminhos estão cheios de cadaveres abandonados pelas tropas e pelas populações que queimam as casas ao abandonarem as povoações, sem tenção de nunca mais voltarem.

O governo dos "soviets" entregou as fabricas aos seus antigos proprietarios

PARIS, 5

O govêrno russo não pode ter confiança no exercito dizimado pelo colera. O govêrno entregou as fabricas aos antigos proprietarios e os caminhos de ferro á companhia belga que os explorava antigamente.

Os habitantes da ilha Nova Zembla lutam com a fome

CHRISTIANIA, 5—Uma lancha a vapor que veiu de Nova Zembla a um porto noruegûes, diz que a maioria dos russos daquela ilha lutam horrorosamente com a fome, não podendo adaptar-se a fazer a vida dos samoiedas. Todas as renas têm sido mortas para servirem de alimento. —(R.)

A caminho do polo norte

O sr. Fairfax Naulty propõe-se fazer um vôo ás terras boreais

NEW-YORK, 5

O sr. Fairfax Naulty, eminente fisico americano, propõe-se fazer um vôo até ao polo norte para localizar, definitivamente, o polo magnetico e determinar a verticidade magnetico-polar.—(U. P.)

UM PROBLEMA QUE SE ETERNIZA

AS OPINIÕES DE WIRTH E DE WITOS SOBRE A QUESTÃO DA ALTA SILESIA

O "Observer", de Londres, diz que o conflito é profundo nos pontos de vista, nos desejos e nos interesses e que não existe nenhum mal-entendido

Quando as paixões se tiveram calado e a historia falar com justiça ácerca da guerra, o problema da Alta Silesia há-de esclarecer-se e a seu respeito se farão afirmações que até hoje ninguem se atreveu a fazer, não porque a maioria não tenha a noção da verdade, mas porque certas conveniencias que nem qualquer póde ganhar, o impedem.

O presidente do governo alemão falou ácerca da nota que recebeu do governo francês; o que disse póde resumir-se assim:

«A Alemanha sabe que está vencida; mas depois de ter desarmado, entregado os navios, desmantelado os portos, limitado o exercito, e duplicado os impostos, tinha o direito de esperar outra coisa que não o receber cada semana uma bofetada.

Terei paciencia até Setembro; não será bom esquecer que então reune o Reich. Houve um plebiscito, mas os aliados fingem que o ignoram.

A Russia está arruinada; a Salonia, a Austria e os Balkans, não se encontram em situação muito mais favoravel. Se a ruina da Alemanha se consumar, toda a Europa sofrerá com isso».

Witos falou da Alta Silesia:

«Todos viram que os polacos se insurgiram contra os estranhos que lutaram contra eles formando regimentos com as tropas do exercito imperial alemão.

Obrigados pelos aliados, os revoltosos desarmaram com sacrificio; nestas circunstancias toda a responsabilidade da vida e bens dos cidadãos da Alta Silesia recai sobre as autoridades inter-aliadas.

E' bom não esquecer que o governo polaco se esforçou continuamente para resolver depressa o problema da Alta Silesia, segundo os resultados do plebiscito, pois entende que este é interesse dos contendores e de toda a Europa».

Entretanto as tropas do general Holfer não desarmaram; apenas foram entregues 250 espingardas. Conservam-se disfarçadas prontas a reunir á primeira voz.

Franceses e ingleses chegaram a um acordo e novas tropas de ocupação vão atravessar a Alemanha para a Alta Silesia antes da resolução do Conselho Supremo.

A ninguem é dado prever o que então acontecerá, pois nem se conhecem os pontos de vista sobre que versará a discussão do Conselho Supremo.

Mas a despeito dos gritos de satisfação pelo acordo realisado, a verdade é o que vem no «Observer de Londres:

«Não queremos enganar os nossos leitores ácerca do antagonismo que surgiu entre a França e a Inglaterra, que vai muito mais longe do que a Alta Silesia e o Conselho Supremo. Não é um mal-entendido; é um conflito profundo, nos pontos de vista, nos desejos e nos interesses.

Há um conflito directo de politica. Enquanto não encararmos francamente estes factos as relações nunca poderão melhorar. Irão de mal para pior».

E' o fundo mesmo da politica britanica e francesa, que é antagonico; não é resolvendo as questõesinhas superficiais que se firmará a amisade entre eles.

DE INGLATERRA

E' autorizada a construção de mais quatro grandes navios de guerra

O almirantado e a conferencia de Washington

LONDRES, 5.—Nos Comuns foi aprovada um projecto autorizando a construção de mais quatro grandes navios de guerra para substituir navios fora do uso. O secretario do almirantado disse que esta substituição em nada prejudicava o desejo que havia de concordar com a conferencia do desarmamento que se vai realizar em Washington.—(U. P.)

A conferencia do desarmamento realizar-se-ha a 11 de Novembro?

A Inglaterra desistiu da conferencia preliminar

LONDRES, 5.—Dizem de Washington que os Estados Unidos desejam com muito empenho que a conferencia de desarmamento se reuna no dia do aniversario do armisticio. O correspondente do «Times» diz que a Inglaterra desistiu da conferencia preliminar.—(U. P.)

O aniversario da declaração de guerra á Alemanha

Uma carta do conde Haig

LONDRES, 5.—Tendo passado ontem o aniversario da declaração de guerra á Alemanha, o conde Haig publicou uma carta relembrando á nação a sua divida para com os combatentes e para com as familia dos que caíram no campo da batalha.—(U. P.)

A ilha de Heligoland solicita um governo autonomo

LONDRES, 5.—A ilha de Heligoland tem solicitado que lhe seja dado um governo autonomo e liberdade de tratar das suas questões economicas e financeiras.—(U. P.)

A produção de carvão inglês

LONDRES, 5.—Numeros oficiciais mostram que a produção de carvão na Inglaterra atingiu já as quantidades normais, tendendo para aumentar.—(U. P.)

O COMERCIO ALEMÃO

A ALEMANHA EXPORTA AUTOMOVEIS NO VALOR TOTAL DE DEZOITO MILHÕES DE FRANCOS SUIÇOS

A America do Norte, no mesmo espaço de tempo, apenas exportou dezaseis milhões e meio—A Alemanha abastece a França e a Inglaterra

BERLIM, 5—A Alemanha exportou automoveis no valor de 18 milhões de francos suiços, emquanto a America do Norte apenas exportou 16 milhões e meio. Estas cifras representam a exportação alemã do ano passado que atingiu o numero de vinte mil automoveis de varias especies e quatro mil motocicletes. No ultimo ano antes da guerra a Alemanha tinha exportado seis mil e quatrocentos automoveis e duas mil e setecentas motocicletas. A França e a Inglaterra compram tambem grande numero de carros na Alemanha por causa do seu preço, mesmo porque são os melhores automoveis, e com os melhores motores.—(R.)

O colera lavra em Varsovia

BERLIM, 5—Receberam-se aqui noticias dizendo que o colera já chegou a Varsovia, e Dantzig suspeita-se que já esteja infectado.—(R.)

O terror em Barcelona

MADRID, 5

O ministro do interior entende ser um assunto de muita importancia e a que dedicará toda a sua atenção o conseguir capturar-se os individuos que fazem parte dos bandos terroristas que infestam Barcelona.—(R.)

Santos Amaral, Limitada

IMPORTADORES-EXPORTADORES

Escritorios:

RUA DE S. JULIÃO, 100

Armazem de vendas

RUA DA PALMA, 225-229

Oficina Eletrotecnica

RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.

Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem

SECÇÃO INDUSTRIAL

CONSERVAS DE PEIXE

Fabricas em:

Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche

Secção de Importação e Exportação

Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano

SECÇÃO TECNICA

Maquinas e acessorios para todas as industrias

Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.

Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas

Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores

Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos. Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin». Aços especiais para ferramentas.

Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

ULTIMAS NOTICIAS

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

O sr. dr. Antonio Granjo vai promover a queda do ministerio?

No Senado, o sr. Fernandes Rego apresenta um diploma para ser concedida a amnistia ao assassino do sr. dr. Sidonio Pais

A' hora regimental estão na sala cinco deputados, sendo quatro da maioria e um democratico. O sr. presidente da mesa, que entrou no edificio ás 13,30, encontra-se na reunião da comissão administrativa do Congresso.

Vai fazer-se a reorganisação do partido evolecionista

Aqui nos Passos Perdidos já hoje se dá como inteiramente certa e para muito breve a reorganização do partido evolucionista, sob a chefia do sr. Antonio Granjo. Mas ainda se diz mais. Diz-se que o sr. Granjo sairá do partido liberal, acompanhado por uns 40 dos seus correligionarios, dos quais fazem parte alguns antigos unionistas.

Moção de desconfiança ao ministerio Barros Queiroz?

Fala-se com insistencia num sensacional acontecimento politico portas a dentro do Parlamento. Até se marca o dia, que—afirma-se—é a proxima quinta-feira. E o acontecimento é este—sendo verdadeiro o boato: Do grupo grangista será enviada para a mesa uma moção de desconfiança ao governo, devendo imediatamente inscrever-se sobre ela varios oradores.

O ministro do Comercio habilitado a responder a uma interpelação

O sr. ministro do comercio comunicou á mesa estar habilitado a responder á nota da interpelação do sr. Anibal Lucio de Azevedo acerca do anunciado decreto que pretende alterar profundamente o regime das sobretaxas aplicadas aos artigos de exportação.

Do modo como tem decorrido o debate sobre a questão do Douro, facilmente se deduz que a moção apresentada ontem pelo sr. Alberto Xavier será rejeitada. Mas isto mesmo é o que acabamos de ouvir a um reconstituinte.

As comissões de verificação de poderes teem quasi terminados os seus estudos ácerca dos processos que lhes foram entregues. Hoje, como nos dias anteriores, reuniram cedo nos respectivos gabinetes do Congresso, tendo firmado diversos pareceres.

Está aumentando consideravelmente na presidencia o numero de pedidos de licenças. A esta data já foram entregues uns dez, ou doze, o que tem feito baixar o *quorum*.

O candidato democratico sr. Plinio Silva, que fez parte da camara dissolvida e que, diga-se em homenagem á verdade, marcou bem o seu lugar, mostrando ser estudioso e trabalhador, foi proclamado, pelo circulo de Elvas. Sucede, porem, que o sr. Plinio Silva, entendendo que as camaras não deveriam funcionar sem as comissões de verificação terem dado pareceres sobre os processos existentes, só retomará o seu «fauteuil» quando esses pareceres estiverem concluidos.

Ainda hoje, ou em um dos dias da proxima semana será apresentado pelo deputado sr. Fernandes Rego um projecto de lei, amnistiando José Julio da Costa, autor da morte de Sidonio Pais.

A' hora deste telefonema está a ler-se o expediente, devendo em seguida entrar-se no periodo de antes da ordem do dia.

NO SENADO

Trata-se de uma nomeação

Na presidencia, o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Ramos Pereira.

Acta aprovada e expediente ao seu destino.

Nos seus *fauteuils* os titulares das pastas do Interior, Justiça, Trabalho e Agricultura.

O sr. Pereira Osorio chama a atenção do sr. ministro da Justiça para o facto de ter sido nomeado ultimamente para uma vaga de conservador do Registo Predial existente na cidade do Porto o funcionario que ocupava o mesmo lugar em Tondela e que havia sido demitido por o considerarem desafecto ao regime em 1917.

O sr. ministro da Justiça, respondendo diz que fez essa nomeação dentro das praxes estabelecidas e de acôrdo com a lei.

O assassino do presidente da Republica dr. Sidonio Pais

O sr. Fernandes Rêgo (democratico), apesar de ter pedido a palavra, até á hora a que escrevemos ainda não lha foi concedido. Como se sabe, este parlamentar tenciona apresentar um diploma que tende a libertar da prisão o assassino do Presidente da Republica sr. dr. Sidonio Pais, que é concebido nos seguintes termos:

Artigo I.º — E' concedida a amnistia ao preso politico José Julio da Costa acusado de ter morto o cidadão Sidonio Bernardino da Silva Pais, fazendo-se sobre o seu crime perpetuo silencio, devendo ser imediatamente dado por findo o processo contra ele instaurado.

Art. 2.º — Fica revogada a legistação em contrario a esta lei que entrará em vigor á data da sua publicação.

A's 17,15, o sr. Fernandes Rêgo pedia urgencia e dispensa do regimento para êste diploma. De todos os lados da Camara se ouvem veementes protestos.

DA ALEMANHA

Continua a lavrar grande agitação no distrito plebiscitario da Alta Silesia

Atribui-se aos polacos o lançamento de fogos ás florestas — Recomeçarão os disturbios? — Os polacos espalham o terror nas regiões mineiras

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

BERLIM, 5.—Tem-se manifestado novos sinais de agitação na Alta Silesia, havendo uma estreita cooperação entre os insurgentes, em todo o distrito plebiscitario. Supõe-se que o grande numero de incendios nas florestas que se tem constatado nos ultimos dias é obra dos polacos que empregam todos os meios de coacção moral contra os alemães. Muitos alemães têm recebido cartas intimando-lhes que abandonem o distrito plebiscitario antes de 5 de Agosto, porque depois desse dia começarão novos disturbios.

Os polacos esforçam-se tambem por espalhar o terror nas regiões mineiras, tendo sido ameaçados pela comissão inter-aliada de rigorosos castigos se provocarem rixas ou ofenderem qualquer.—(U. P.)

DE ESPANHA

O governo considera o desastre de Marrocos como uma questão nacional

Vão ser ouvidos, fora do Parlamento, os chefes de partido — O governo conhece já como se passaram os factos e vai adoptar importantes medidas

MADRID, 5 — O presidente do conselho declarou que se encontrava diante duma questão que não é uma questão partidaria mas sim uma questão nacional. O governo acudiu com toda a pressa que as circunstancias requeriam á repressão dum levantamento dos mouros adoptando as medidas exigidas pelos factos ocorridos. Agora que o governo tem já um exacto conhecimento dos sucessos considera o momento oportuno de adoptar resoluções de grande importancia, precisando para isso conhecer a opinião dos chefes de partido sem que se reunam as côrtes. — (R.)

Operarios panificadores

Uma comissão da sua União conferenciou com o ministro da agricultura

Uma comissão delegada da União dos Operarios Panificadores de Lisboa conferenciou, hoje, com o sr. ministro da agricultura, sobre interesses de classe.

A saude em Lisboa e no Porto

13 casos de difteria e 15 de febre tifoide

Na semana finda em 30 de julho manifestaram-se em Lisboa 12 casos de difteria, 13 de febre tifoide, 1 de meningite, 1 de sarampo e 9 de variola, e no Porto 1 de difteria e 2 de febre tifoide.

As festas de homenagem á memoria de Latino Coelho

Em Sintra realizar-se-ha um concurso pecuario

O sr. Amilcar de Barros Queiroz, secretario do sr. presidente do ministerio, solicitou do sr. ministro da agricultura a concessão dum subsidio para premios do concurso pecuario que se realiza em Sintra, em 29 do corrente, por ocasião das festas em homenagem á memoria de Latino Coelho.

As missões em Angola

O alto comissario de Angola vai-se ocupar da questão das missões naquela colonia.

Bolsa de Lisboa

Dia 5

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	42$00	44$00
s/Londres cheque	7	6 3/4
» 90 d. v.	7 1/8	—
Rio s/Londres	8 1/16	—
s/ Paris	735	762
s/ Italia	405	420
s/ Belgica	707	733
s/ Suissa	1579	1634
s/ Espanha	1226	1271
s/ Berlim	116	123
s/ Holanda	2925	3033
s/ Nova York	9556	9910
Rio Brasil	[illegible]	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	800	800

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	46,61
» s/Londres	27,96
» s/New-York	3,8,75
» s/Berlim	9,59
Paris s/Londres	460,35
» s/Madrid	166,25
» s/Genebra	214,75
» s/Berlim	15,87
Londres s/Paris	46,57
» s/Roma	85,00
» s/New-York	3,57
» s/Berlim	2,93
» Amsterdam	11,69
» s/Genebra	21,775
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

TEATRO DE S. CARLOS
=Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro=
(A unica que representa Teatro português, com toda a propriedade e raro brilhantismo)
Ultimas representações
HOJE—A's 21,30
Mais uma representação da admiravel peça portuguesa
SEDUTORES
Original de Vasco de Mendonça Alves
Enscenação de Antonio Pinheiro
Grande sucesso!

Além-mar

Transferencia de circunscripções e de postos administrativos na provincia de Moçambique

O alto comissario em Moçambique determinou que fosse mudada a sede da circunscrição do Guijá, distrito de Gaza, para o centro da mesma circunscrição, e bem assim as sedes dos actuais postos administrativos de Machaila e Mapal, e criar diversos postos administrativos, fixando os vencimentos do respectivo pessoal.

A mão d'obra na provincia de Angola

O alto comissario em Angola vai publicar um diploma no sentido de resolver os assuntos relativos á mão de obra e de colonização.

PUBLICAÇÕES OFICIAIS
PROPOSTAS DE FINANÇAS — Apresentadas ao Parlamento pelo ministro das finanças Barros Queiroz, 1 volume, in-4.º Preço 4$50.
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA — Edição portátil de carteira, acaba de ser posta á venda. Preço 2$00. Pedidos á Imprensa Nacional de Lisboa.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.